

AQUELES ANOS LOUCOS

*Marcos Paim C. Fonteles**

RESUMO

Resenha do livro *Anos Loucos: histórias da psicanálise às margens dos anos 1920*, de Luiz Eduardo Prado de Oliveira.

Palavras-chave: psicanálise, Freud, biografia.

ABSTRACT

Review of the book Anos Loucos: histórias da psicanálise às margens dos anos 1920, by Luiz Eduardo Prado de Oliveira.

Keywords: psychoanalysis, Freud, biography.

Anos Loucos: histórias da psicanálise às margens dos anos 1920 é o novo livro de Luiz Eduardo Prado de Oliveira lançado pela editora Autêntica. O texto, como nos antecipa o título, traz um recorte específico da vida e da obra de Freud¹, mas, ao invés de um relato cronológico tradicional, segue uma estrutura quase caleidoscópica, tal qual nossos “processos psíquicos inconscientes e atemporais em si” (Freud, 1920).

Não se trata de uma nova biografia do pai da psicanálise, ou uma análise de seus textos daquele período, ou nem mesmo um apanhado histórico do movimento psicanalítico. Mais que isso, o texto circula e faz conexões por cada uma dessas possibilidades, deixando claro que a história do mestre e da própria psicanálise estão a todo tempo intrincadas entre si.²

O Freud psicanalista e pesquisador, assim como o homem do seu tempo e família, ou líder do movimento psicanalítico, circula e é afetado por seus diferentes lugares em sua, quase permanente, produção³. Não

* Psicanalista, atendendo em clínica particular em São Paulo e Rio de Janeiro; mestre pela PUC/SP e doutorando em Psicanálise Clínica pela USP; professor convidado no CEP/SP; e, articulista e autor do livro: ‘Inútil Necessário: precisamos de arte agora?!’, publicado pela Editora Zagodoni”.

poderia ser diferente, o avô que avança em suas pesquisas enquanto brinca com seu neto⁴, é também o pai que analisa por anos a filha em sessões diárias⁵, ou mesmo o mestre que estimula relações entres seus interlocutores, familiares e psicanalistas⁶.

O texto de Prado nos faz circular por entre fatos e histórias, que relacionam a vida de Freud e sua família, com pesquisas e seus interlocutores. A cada giro por suas páginas, o autor nos apresenta detalhes entre trechos de diários e cartas que nos fazem pensar, para um pouco mais à frente, nos lançar em um sobrevoo amplo pelo entreguerras, movimentos culturais e relações distantes como a semana de 1922 no Brasil e a invasão da Alemanha à Áustria em 1938.

Um passeio que, à primeira vista, pode parecer, a um leitor desavisado, um quadro cubista por entre cortes e diferentes perspectivas ou uma figura surrealista em busca de um para além do óbvio consciente. Aos poucos, no entanto, essa jornada se revela uma leitura saborosa, capaz de compor um mosaico sofisticado, coerente com a complexidade que exige um personagem do tamanho de Freud.

Freud, em sua descoberta singular, não se furta de testar limites e correr riscos, muitas vezes se confundindo entre suas personas de pai, amigo, confidente, psicanalista e pesquisador⁷. Sem bordas claras, entrega-se por completo e sofre, na própria carne e na de seus mais próximos, consequências muitas vezes trágicas.

Pai atento às rotinas de seus filhos e suas respectivas famílias, dedica especial atenção às *suas* mulheres: esposa, cunhada e filhas; mulheres que transitam por entre lugares diversos do esperado original familiar. Cunhada e ao mesmo tempo confidente, filha e analisanda, filha e companheira de pesquisas e debates etc. Talvez venha da complexidade de suas relações a dificuldade do mestre de se afastar de suas *meninas*⁸. Ele parece querer mantê-las sob sua *guarda*. Sem ceder território, estende sua presença aos netos, que acabam por deixar cair seus sobrenomes paternos trocados pela marca do Nome do Avô⁹.

Neste baile de personagens, desfilam pelo texto sua família, filhas, esposa, cunhada, genros e netos, assim como: Lou Andreas-Salomé, Dorothy Burlingham, Viktor Tausk, Sándor Ferenczi, entre outros. Todos determinantes na vida pessoal, social e profissional do professor, ao mesmo

tempo capazes tanto de abrir espaços ao espírito criativo e desbravador do mestre, quanto de expô-lo a experiências de sofrimento profundo.

Não por coincidência, é, também, nesse período que Freud observa seu neto, divide achados empíricos com a filha Sophie¹⁰, levanta hipóteses clínicas, incluindo a análise de sua filha Anna¹¹, e as discute com familiares e interlocutores do movimento psicanalítico para, por fim, publicar seus achados e elaborações em 1920 no seminal *Além do Princípio do Prazer*.

Lá ele, pela primeira vez, trata da pulsão de morte e traz, entre suas ilustrações, a brincadeira do carretel do neto, em que “o garoto só podia repetir brincando uma impressão desagradável porque a essa repetição está ligada uma obtenção de prazer de outro tipo, porém direta” (Freud, 1920). Trata-se do neto, filho de Sophie, sua filha dileta¹², morta no mesmo ano da publicação do seu livro. Aí o mestre entrelaça, mais uma vez, sua posição de psicanalista, pesquisador e pai às últimas consequências.

Sorte nossa podermos, ciceroneados pelo texto erudito e generoso de Prado, circular novamente por aqueles “loucos anos” da psicanálise e em suas dobras e, quem sabe, perceber novas possibilidades à clínica psicanalítica.

REFERÊNCIAS

- Freud, S. (2010 (1920)). Além do Princípio do Prazer. In *Obras Completas Volume 14* (pp. 161-239). Companhia das Letras.
- Oliveira, L. E. (2022). *Anos Loucos: histórias da psicanálise às margens dos anos 1920*. Autêntica.

NOTAS

- ¹ “E que época! O período entre as duas Grandes Guerras Mundiais, em cujo epicentro habitavam a epidemia de gripe de 1918 e a Grande Depressão econômica. Nada mau como contexto para a produção de Além do princípio de prazer.” (“Apresentação: As Mulheres de Freud”, de Vera Iaconelli em *Anos Loucos: histórias da Psicanálise às margens dos anos 1920*, L. E. P. de Oliveira, 2022, p. 13)
- ² “(...) não eram raras as confusões entre vida familiar, social, psicanálise, pelo contrário, eram a norma (...)” (*Anos Loucos: histórias da Psicanálise às margens dos anos 1920*, L. E. P. de Oliveira, 2022, p. 158)
- ³ “A ela própria [Lou Salomé] Freud escreve longa carta em 10 de novembro de 1912. ‘(...) Não sei se os seus hábitos permitiriam uma discussão depois das dez horas da noite; o meu tempo livre só começa nessa altura (...)’.” (Ibid., p. 152)
- ⁴ “[Freud] diz que Ernst [neto] lhe faz falta ‘em geral com muita frequência. Teria agora tanto tempo para distraí-lo e estudá-lo.’” (Ibid., p. 120)
- ⁵ “Na época, tem pouquíssimos pacientes, [Freud] pode então consagrar uma hora por dia à filha, seis dias por semana, tarde porém, só o poderá depois das 22 horas.” (Ibid., p. 157)
- ⁶ “Entre Anna [Freud] e Lou, uma fala, a outra escuta com atenção, às vezes uma, às vezes a outra. Ambas eram amigas íntimas de Ferenczi, (...)” (Ibid., p. 175)
- ⁷ “Freud sempre analisou a filha, observava, anotava, comentava, transcrevia sonhos da filha mesmo ainda bebê.” (*Anos Loucos: histórias da Psicanálise às margens dos anos 1920*, p. 157)
- ⁸ “As correspondência entre Freud e seus filhos mostra a enorme dificuldade que tinham de se separar.” (Ibid., p. 184)
- ⁹ “Aos 85 anos, para além do nome? Até meados de 1950, ele se chama W. Ernst Halberstadt [neto de Freud, filho de sua filha Sophie]. É sob pressão do tio Ernst, da tia Anna, que o muda para W. Ernest Freud. Primeiramente, o W. escondido, de seu nome de nascimento, Wolfgang, depois excluído.” (Ibid., p. 37)
- ¹⁰ “Antes da cena que inspira o avô, o neto já brinca, a mãe já o observa, conta tudo para o pai. É a própria Sophie que conta ao pai como brinca o seu filho. Seu pai observa a brincadeira em setembro de 1915.” (Ibid., p. 43)

- ¹¹ “Outra parte do Além é dedicada a Anna. No que se refere à compulsão de repetição, é ligado à repetição da masturbação, à luta incessante dos adolescentes para escapar ao que lhes obriga a continuar ao ‘demoníaco’ neles, como escreve o pai sobre a filha, sem nunca a nomear.” (Ibid., p. 163)
- ¹² “Nessa constelação, Sophie é a preferida, Anna, a temporã, que nasce a contragosto da mãe.” (*Anos Loucos: histórias da Psicanálise às margens dos anos 1920*, p. 47).